

O PAPEL DAS PESQUISAS (AUTO) BIOGRÁFICAS NA ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA ESTUDANTES SURDOS ORALIZADOS

Elisangela Rodrigues Vargas ¹
Francéli Brizolla ²

RESUMO

O acesso equitativo à educação acessível para surdos oralizados ainda é uma questão complexa e desafiadora. Este grupo, frequentemente invisibilizado em discussões sobre acessibilidade e inclusão, não se enquadra no modelo predominante de surdez associado à comunicação visual e ao uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Este trabalho, que integra uma pesquisa de Mestrado em Ensino onde a autora é sujeita da pesquisa, surda oralizada, apresenta uma experiência com narrativas autobiográficas por meio da oficina Sarau das Diversidades Surdas, cujo objetivo foi evidenciar a pluralidade de identidades surdas e as barreiras comunicacionais enfrentadas pelos surdos oralizados. Diante deste cenário, justifica-se a necessidade de ampliar o debate sobre as diversidades na surdez, com ênfase na surdez oralizada, um tema ainda pouco explorado, mas essencial para que a inclusão contemple todos os perfis de surdos e promova a consciência de que a LIBRAS, embora fundamental, não é acessibilidade para todos os tipos de surdez. Destaca-se as narrativas, fotografias e memórias como instrumentos de dados para a pesquisa autobiográfica, uma metodologia fundamentada nos estudos de Ferrarotti (2014) e Josso (2020). O resultado dessa experiência evidenciou que a percepção social da surdez está majoritariamente atrelada à LIBRAS reforçando estereótipos que excluem os surdos oralizados das iniciativas de acessibilidade. Concluiu-se que a valorização das narrativas autobiográficas permite visibilizar as barreiras enfrentadas pelos surdos oralizados e repensar práticas e políticas que promovam uma inclusão mais ampla e equitativa no contexto educacional.

Palavras-chave: Autobiografia, Surdez oralizada, Acessibilidade comunicacional, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O termo surdo oralizado refere-se à pessoa surda que adquiriu a língua oral antes de perder a audição, sendo, portanto, um sujeito pós-linguístico. Esses indivíduos utilizam a linguagem oral como recurso comunicativo, no entanto, para compreensão da fala dos outros, necessita de legendas, recurso escrito e leitura labial. Alguns surdos oralizados têm domínio da linguagem oral, outros falam com dificuldades ou voz diferente (conhecida como sotaque surdo) e ainda, tem os que são bilingues. Contudo, isso não elimina as barreiras

¹ Mestre em Ensino pelo programa de pós-graduação em ensino (PPGE) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé, RS. Integrante do projeto Tertúlias Inclusivas do Pampa e Grupo Inclusive (Grupo de Pesquisa e estudo em inclusão e diversidade na educação básica e ensino superior), vargaselisangelal6@gmail.com;

² Orientadora: Profa. Dra. Francéli Brizolla, docente e vice-reitora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé, coordenadora do Grupo Inclusive (Grupo de Pesquisa e estudo em inclusão e diversidade na educação básica e ensino superior); francelibrizolla@unipampa.edu.br

comunicacionais que enfrentam no convívio social e educacional, nem dispensa a necessidade de suportes adequados à sua acessibilidade.

A surdez, assim como outras deficiências, não é uma experiência única: existe uma pluralidade de identidades surdas, marcada por diferentes formas de comunicação, cultura e percepção do mundo. Os surdos possuem características culturais próprias, mas o fato de participarem de outras culturas, como a cultura ouvinte, não os torna menos surdos (GESSER, 2009, p. 54). Embora esse ponto se refira especificamente aos surdos sinalizantes, nesta interpretação entende-se que o mesmo princípio pode ser estendido aos surdos oralizados: o uso da oralidade e a inserção majoritária na cultura ouvinte não diminuem sua condição de surdez, mas representam outras formas legítimas de vivenciar a surdez. Essa perspectiva permite reconhecer a pluralidade de experiências surdas e reforça a importância de considerar diferentes modos de comunicação e trajetórias individuais na educação inclusiva.

Ressalta-se que, apesar do reconhecimento oficial da LIBRAS ter representado um avanço significativo para a comunidade surda, concentrar-se exclusivamente nessa língua pode acabar invisibilizando outras modalidades de comunicação e estratégias de acessibilidade. Essa perspectiva limitada tende a associar automaticamente a surdez ao uso da LIBRAS, sem considerar a pluralidade de vivências surdas, incluindo aquelas de pessoas surdas oralizadas.

Essa reflexão ganha respaldo na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, Lei nº 13.146/2015), que define a deficiência como resultado da interação entre impedimentos e barreiras que podem limitar a participação plena e efetiva na sociedade. No caso da surdez oralizada, essas barreiras não estão apenas no campo físico ou tecnológico, mas principalmente na falta de reconhecimento das suas necessidades específicas de comunicação e aprendizagem.

Diante desse cenário, justifica-se a necessidade de ampliar o debate sobre as diversidades na surdez, com ênfase na surdez oralizada, um tema ainda pouco explorado, mas essencial para que a inclusão contemple todos os perfis de surdos. A reflexão proposta busca, portanto, dar visibilidade às especificidades da surdez oralizada, promovendo um entendimento mais abrangente e humanizado da inclusão educacional.

Este estudo integra uma pesquisa autobiográfica realizada no Mestrado Acadêmico em Ensino (PPGE-UNIPAMPA), na Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, RS. A investigação abordou a acessibilidade comunicacional para estudantes surdos oralizados e apresenta resultados que evidenciam como a pesquisa (auto)biográfica pode se constituir como instrumento de inclusão e reconhecimento dessas experiências no contexto educacional.

Devido à sua experiência pessoal, a autora deste estudo se coloca como sujeita da pesquisa, articulando suas vivências como pessoa surda oralizada desde os 2 anos de idade, o que permite compreender de forma aprofundada tanto suas experiências quanto as relatadas pelos participantes da oficina Sarau das Diversidades Surdas, realizada no contexto do primeiro Festival da Cultura Surda da UNIPAMPA. A oficina teve como objetivo evidenciar a pluralidade de identidades surdas e as barreiras comunicacionais enfrentadas pelos surdos oralizados, constituindo-se como um espaço de escuta, expressão e reflexão sobre as diferentes formas de ser surdo.

A pesquisa autobiográfica, embora utilize diversas fontes como narrativas, fotos e documentos, depende da memória, componente essencial para (re)construir elementos de análise que auxiliem na compreensão do objeto de estudo (ABRAHÃO, 2003, pg 80). No contexto da surdez oralizada, a autobiografia permite compreender as experiências subjetivas dos sujeitos surdos oralizados, proporcionando uma reflexão crítica sobre barreiras comunicacionais, identidades culturais e práticas pedagógicas inclusivas.

Assim, este estudo propõe refletir sobre como a pesquisa (auto)biográfica pode se constituir em uma ferramenta relevante para promover a inclusão de pessoas surdas oralizadas no contexto educacional, ampliando o olhar sobre a diversidade da surdez e desconstruindo estereótipos historicamente associados a esse grupo. Inspirada nos pressupostos de Ferrarotti e Josso, a abordagem adotada valoriza as experiências, emoções e percepções que emergem das narrativas pessoais, compreendendo-as como fontes legítimas de conhecimento e de formação. Essa perspectiva metodológica, centrada na escuta e na reflexão sobre si, permite aprofundar a compreensão das dimensões subjetivas e sociais do fenômeno estudado, estabelecendo um diálogo entre teoria e experiência que orienta o percurso da pesquisa apresentado nas seções seguintes.

A partir desses referenciais, a oficina Sarau das Diversidades Surdas foi concebida como um espaço de aplicação prática dos princípios da pesquisa (auto)biográfica, possibilitando que sujeitos surdos expressassem suas experiências e identidades de modo reflexivo, bem como, que os participantes ouvintes expressassem suas perspectivas sobre a surdez.

METODOLOGIA

Este estudo utiliza o método autobiográfico, uma abordagem qualitativa que permite compreender o singular como forma de produzir conhecimento válido. A história individual

como história social totalizada por uma práxis, demonstra que é possível gerar um percurso heurístico que transforma o particular em conhecimento geral (FERRAROTTI, 2014, p. 45). Dessa forma, a pesquisa autobiográfica não se limita ao subjetivo ou ao individual, mas estabelece relações com o contexto social mais amplo, evidenciando que há ciência do particular e do subjetivo, capaz de contribuir para o entendimento de fenômenos sociais.

A (auto)biografia vai além da narração de uma trajetória: ele tematiza a história de vida para explorar problemas específicos, respeitando a temporalidade das experiências. O método (auto)biográfico busca compreender como cada pessoa, em sua trajetória singular, se transforma e atribui sentido às próprias experiências. Nesse movimento reflexivo, o sujeito revisita e reinterpreta sua história de vida, elaborando novos significados para o vivido (JOSSO, 2020, p. 43).

Além disso, a autobiografia configura uma microrrelação social, uma interação entre o indivíduo e seu contexto, revelando como as experiências pessoais se conectam a aspectos sociais mais amplos (FERRAROTTI, 2014, p. 43).

A partir dessa compreensão da (auto)biografia como instrumento de formação e investigação, a oficina Sarau das Diversidades Surdas foi concebida como parte integrante do 1º Festival de Cultura Surda (FECULT) da UNIPAMPA, campus Bagé, sendo uma atividade planejada e desenvolvida no contexto da pesquisa autobiográfica do programa de Mestrado em Ensino. Nela, a escuta sensível e o compartilhamento de trajetórias pessoais se materializaram de forma coletiva, dando concretude aos princípios teóricos discutidos anteriormente.

O Sarau das Diversidades Surdas que reuniu 35 participantes, foi realizado em 8 de novembro de 2023 e contou com inscrições prévias disponibilizadas por meio de um formulário online no Google Forms, garantindo organização e fluxo adequado de participantes. Na data marcada, nas dependências da UNIPAMPA em Bagé, os participantes foram acolhidos por uma música ambiente e convidados a explorar um varal fotográfico, que apresentava resumos de biografias de indivíduos surdos de diversas identidades, criando desde o início um ambiente de reflexão e inclusão.

Após a acolhida inicial, que destacou os objetivos da oficina e a importância da acessibilidade para surdos oralizados, foi apresentado pela sujeita da pesquisa, um portfólio digital de memórias, conforme imagem 1, onde compartilhou sua trajetória como pessoa surda oralizada em um contexto majoritariamente ouvinte.

IMAGEM 1: Oficina das Diversidades Surdas



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Em seguida, os participantes foram incentivados a contar suas próprias histórias por meio de narrativas autobiográficas, conforme mostra a imagem 2, promovendo a troca de experiências e a construção de um diálogo inclusivo. A presença de participantes ouvintes também foi valorizada, permitindo que compartilhassem suas percepções sobre a surdez.

IMAGEM 2: Biografias surdas: relato de surda sinalizante



Fonte: Acervo da autora, 2023.

A seguir, destaca-se algumas figuras de referência da comunidade surda que estiveram presentes no varal fotográfico, cujas histórias inspiradoras e trajetórias de impacto enriqueceram o Sarau das Diversidades Surdas.



LAK LOBATO



Carioca, surda oralizada
usuária de implante coclear.
Autora do blog "Desculpe, não
ouvi!"

Lak Lobato é autora dos seguintes livros:



Livro: Láti é surda: Diferente igual a nós



Livro: Escute como um surdo



Livro: E Não é Que Eu Ouvi?



Livro: Desculpe, não ouvi!

"No entanto, à revelia de todas as
minhas conquistas, eu sentia
falta de ouvir. Sempre fui uma
pessoa extremamente auditiva. O
som me inspira, me motiva, me
dá prazer."

Conheça mais



**KARIN
STROBEL**



Surda sinalizante, Doutora na área
de educação em Universidade
Federal de Santa Catarina (UFSC)



ALGUMAS
Obras

"Surdos, sejam persistentes e
nunca desistam dos seus
sonhos, arregacem as mangas
e vão à luta com toda a
coragem..."

Conheça mais





**KELI
KRAUSE**

Docente de Libras da
Unipampa campus Sao
Borja e surda sinalizante

ALGUNS
Trabalhos



"Feliz aquele que
transfere o que sabe e
aprende o que ensina".
Cora Coralina

Conheça mais



**FRANCIELLE
CANTARELLI**



"Vocês acham que ser surdo é ruim?
Não é! Surdos precisam de equidade
com ouvintes. Aprendam Libras!
Fiorella"

Conheça o Diário
da Fiorella



Fonte: Acervo da autora, 2023

Cada resumo biográfico apresenta uma perspectiva singular sobre a forma como pessoas surdas constroem e interpretam suas vidas, refletindo sobre suas experiências e relações sociais ao longo de suas trajetórias. Utilizar instrumentos como a fotografia para pensar a

(auto)biografia revela-se fundamental, pois ela permite capturar a temporalidade e a singularidade de cada história de maneira sensível e profunda.

Antes de encerrar a oficina, os participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre trechos de livros que abordam a experiência surda. Um dos textos ressaltou a importância de reconhecer a diversidade dentro da comunidade surda, enfatizando que não existe uma única forma “correta” de ser surdo. Destacou-se, assim, a necessidade de valorizar diferentes modos de comunicação para fortalecer uma comunidade mais inclusiva e solidária.

Outro trecho explorou a experiência sensorial de sentir a música, mesmo sem a audição, evidenciando que essa percepção varia entre pessoas surdas. Embora alguns possam vivenciar a música de forma intensa e significativa, outros podem não compartilhar dessa mesma experiência.

Por fim, os textos incentivaram a valorização e o orgulho da cultura surda, promovendo reflexões sobre identidade e pertencimento, destacando que assumir essa identidade é parte essencial da experiência individual.

O encerramento, conforme mostra a imagem 3, revelou a força do coletivo, fortalecendo os vínculos e consolidando um sentimento de pertencimento e valorização da diversidade dentro da comunidade.

IMAGEM 3: Encerramento da oficina



Fonte: Acervo da autora, 2023.

A oficina Sarau das Diversidades Surdas encerrou com um gesto simbólico, onde os participantes foram convidados a fazer uma grande roda num abraço coletivo para selar a

solidariedade da comunidade surda, que não é representada somente por pessoas surdas, mas também, por pessoas ouvintes que convivem e compartilham da cultura surda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, apresenta-se os resultados do Sarau das Diversidades Surdas, considerando-os a partir de suas manifestações qualitativas e do impacto observado nos participantes. Diferentemente de pesquisas baseadas em dados quantitativos, os resultados desta investigação se expressam por meio de percepções, interações e experiências vivenciadas durante o evento. Busca-se, assim, analisar como a oficina favoreceu a troca de narrativas, o engajamento ativo e a valorização da diversidade e da cultura surda, refletindo sobre seus efeitos enquanto espaço de inclusão, escuta e construção coletiva de sentidos.

Um dos aspectos mais significativos evidenciados no evento foi a constatação de que, para muitos participantes, a surdez ainda é percebida quase exclusivamente em associação à LIBRAS, como se esta fosse a única forma de comunicação e de pertencimento possível. A discussão sobre a surdez oralizada, introduzida pela primeira vez nesse contexto, revelou o quanto essa visão limitada contribui para a invisibilização de sujeitos surdos oralizados.

Durante as discussões do Sarau das Diversidades Surdas, emergiu a reflexão sobre as diferentes formas de percepção e comunicação entre sujeitos surdos. Destacou-se a importância da identidade surda, ressaltando o papel do olhar e da experiência visual como constitutivos da cultura surda (STROBEL in SKLIAR, 2013, pág. 54). No entanto, ao observar as narrativas de pessoas surdas oralizadas, nota-se que o aspecto visual também se faz indispensável, ainda que de outra maneira. Para esses sujeitos, a visão é mediadora da compreensão e da interação com o mundo, seja pela leitura labial, pelo acompanhamento de legendas ou pelo apoio em expressões faciais. Assim, mesmo fazendo uso da fala, o surdo oralizado continua a experimentar o mundo de modo visual, o que amplia o entendimento sobre o que significa ser surdo e desafia concepções restritas baseadas apenas na LIBRAS.

Os resultados indicam ainda, que a invisibilidade dos surdos oralizados nos debates sobre inclusão perpetua estereótipos e reforça exclusões silenciosas. O estudo evidencia que o uso da (auto)biografia como instrumento formativo e investigativo possibilitou tornar visíveis experiências frequentemente silenciadas, permitindo que sujeitos surdos narrassem suas trajetórias e ressignificassem suas identidades. Conclui-se que práticas educacionais mais inclusivas, que considerem a diversidade comunicacional e reconheçam o valor das narrativas autobiográficas, são essenciais para promover acessibilidade plena e equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversidades na surdez precisam ser reconhecidas em suas múltiplas formas de pertencimento cultural e comunicacional, e as experiências autobiográficas se mostram um caminho potente para tornar visíveis essas diferentes formas de ser e de se expressar no mundo. No entanto, o olhar social e educacional ainda tende a privilegiar uma visão homogênea da surdez, centrada no uso da Libras. Essa perspectiva, embora essencial para a comunidade surda sinalizante, não contempla todos os sujeitos, especialmente os surdos oralizados, que acabam ficando à margem das discussões sobre inclusão e acessibilidade.

O uso da (auto)biografia, como demonstrado no Sarau das Diversidades Surdas e na pesquisa de mestrado, mostrou-se um instrumento eficaz para dar visibilidade a essas trajetórias e ampliar a compreensão sobre a pluralidade das identidades surdas. Por meio das narrativas, é possível compreender que cada sujeito surdo vive sua experiência de forma singular, marcada por contextos familiares, educacionais e sociais distintos.

Historicamente, os avanços nas políticas e nos movimentos de luta pela educação de surdos foram protagonizados por pessoas surdas sinalizantes, o que consolidou o termo comunidade surda como símbolo dessas conquistas. Contudo, esse processo não contemplou integralmente os surdos oralizados, que ainda não se organizaram politicamente, em parte pelo foco histórico na surdez sinalizante e pelos estereótipos que os classificam como pessoas com deficiência auditiva e não como pessoas surdas, o que reduz e distorce suas experiências.

Independentemente do grau da perda auditiva, o sujeito surdo, de alguma forma, não ouve ou ouve pouco, e essa condição impacta diretamente sua participação social e educacional. Por isso, práticas realmente inclusivas precisam reconhecer as diferentes formas de escuta e de comunicação, superando classificações simplificadas e acolhendo as singularidades de cada trajetória.

É importante ressaltar que o termo surdo oralizado tem sentidos que vão além da história do modelo médico, que buscava “curar” a surdez por meio da imposição da fala. Para muitos sujeitos surdos oralizados, incluindo a autora deste estudo, a fala foi adquirida de forma natural, através das interações sociais e educacionais, e não imposta coercitivamente. Reconhecer essas nuances é essencial para evitar estereótipos e ampliar o entendimento sobre a pluralidade das experiências surdas, fortalecendo a visibilidade de trajetórias historicamente pouco reconhecidas.

Por fim, este estudo abre caminhos para novas pesquisas que aprofundem a compreensão sobre a pluralidade de identidades surdas, a inclusão de sujeitos surdos oralizados em diferentes contextos e o uso das narrativas autobiográficas como ferramenta pedagógica, política e cultural. Ao reconhecer e valorizar essas vozes, a educação inclusiva se aproxima de sua verdadeira essência: acolher e legitimar todas as formas de ser e de se comunicar.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. Memórias, narrativas e pesquisas autobiográficas. História da Educação, **ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, n.14, p. 79 95, set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223> Acesso em: 5 jan. 2025.

BRASIL, Lei 13.146/2015. **Estatuto da pessoa com deficiência**. Subchefia para assuntos jurídicos: Brasília, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 18 out. 2025.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (org.). O método (auto)biográfico e a formação. 2ª ed. Natal: **Edufrn**, 2014. p. 29-55.

GESSER, Audrei. LIBRAS? que língua é essa?:crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2009.

JOSSO, Marie-Christine Josso. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa**: Salvador, v.05, n.13, p.42, jan/abr,2020.

SKLIAR. Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: **Mediação**, 2013.